



APRESENTAÇÃO

INTRODUCTION

Este número especial, o 50, da Revista ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS, do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da UFBA, é dedicado a trabalhos de pesquisa de membros do GT Transculturalidade, Linguagem e Educação da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL). Criado em 2001, o referido GT reúne pesquisadores de todo o país interessados em socializar e divulgar trabalhos de caráter transdisciplinar que abordem a educação e a linguagem com base nos pressupostos da diversidade. O GT congrega, desta forma, pesquisas apoiadas em diferentes aportes teóricos de áreas bastante diversificadas, que vão do ensino e aprendizagem de línguas, à educação de alunos surdos, passando pela literatura de origem indígena, só para citar alguns. Boa parte dos textos aqui publicados é fruto de trabalhos apresentados em conferências e simpósios no Brasil e no exterior, incluindo os encontros anuais da própria ANPOLL. O objetivo deste volume especial, portanto, é não apenas fortalecer as discussões em torno dos temas vinculados ao GT, com a consequente divulgação do

trabalho dos pesquisadores, mas também contribuir para a promoção da diversidade em consonância com aspectos linguísticos, culturais e educacionais.

Dando início ao volume, o artigo “(Re)conhecimento: um olhar transcultural no ensino da literatura indígena”, de Rubelise da Cunha, da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), tem como objetivo discutir criticamente o estudo e o ensino de literaturas indígenas a partir das reflexões empreendidas por estudiosos do pós-colonialismo e das literaturas ameríndias. Tomando como base a obra literária *Crônicas de São Paulo: um olhar indígena* (2004), de Daniel Munduruku, a autora busca refletir sobre a necessidade de nos posicionarmos como “estrangeiros” diante dos conhecimentos culturais que nos propomos estudar e ensinar.

Na sequência, Vera Helena Gomes Wielewicki, da Universidade Estadual de Maringá (UEM), Paraná, apresenta o artigo “Inteligência coletiva, educação pluralista e multiletramentos: alternativa para o ensino em situações de dificuldades de aprendizagem da leitura”, chamando a atenção para a necessidade de pensarmos em uma alternativa de educação que contemple aprendizes portadores das chamadas “dificuldades de leitura e escrita” em suas epistemologias específicas. Para isso, Wielewicki considera fundamental a des-hierarquização da escrita em sala de aula, de modo a contemplar a alteridade como detentora de uma forma de conhecimento valorizada e desejada quando outros meios, diferentes da escrita, são igualmente valorizados. O resultado, assim, é um aprendizado recíproco que fomenta o pensamento e a imaginação coletivos.

Já o texto de Domingos Sávio Pimentel Siqueira e Juliana da Silva Souza, ambos da Universidade Federal da Bahia, “Inglês como língua franca e a esquizofrenia do professor”, discute a questão da expansão da língua inglesa pelo mundo e suas implicações político-pedagógicas, chamando a atenção, entre alguns aspectos, para a necessidade de um repensar de práticas e princípios consolidados ao longo do tempo, incluindo a questão sobre que inglês ensinar, algo que, não raramente, leva o professor a um quase estado de esquizofrenia. Para os autores, à medida que a pesquisa sobre o Inglês como Língua Franca (ILF) avança, seus achados precisam ser melhor explorados em sala de aula, até mesmo por aqueles professores sensíveis ao ILF, e que também se veem divididos entre as reais necessidades de comunicação de seus alunos e o atrelamento ao modelo do Inglês como Língua Nativa (ILN) como exemplo de um inglês ‘melhor’. Com base em estudo realizado com professores em pré-

serviço do Núcleo Permanente de Extensão em Letras da UFBA (NUPEL), eles afirmam que o grande potencial que o ILF apresenta para redimensionar crenças e atitudes no tocante ao Ensino de Língua Inglesa (ELI) em muitos contextos será capaz de minimizar, ou até eliminar, os efeitos do dilema que há décadas acompanha o professor de língua inglesa na sua prática diária.

O texto de Suzane Lima Costa, também professora da Universidade Federal da Bahia, intitulado “Povos indígenas e suas narrativas autobiográficas”, oferece ao leitor uma oportunidade única de melhor adentrar um mundo para muitos de nós desconhecido, senão ignorado, nesse caso, a produção de conhecimento por parte de comunidades indígenas brasileiras. Como nos diz a autora, dentro ou fora do âmbito acadêmico, as ideias sobre os indígenas no Brasil quase sempre excluem os seus nomes próprios para representá-los como coletividade, como povo, e falar em autobiografias ou em biografias indígenas ainda é estar diante de um assunto pouco investigado em várias instâncias. Contudo, desde o início do processo de retomada das suas terras, os indígenas vêm produzindo uma série de narrativas autobiográficas, demonstrando como esse fazer textual, tradicionalmente vinculado à formação do indivíduo ocidental, pode ser constituído e reapropriado em diferentes traduções ameríndias. É nesse cenário que Suzane nos apresenta uma discussão sobre produções fílmicas indígenas, analisando o que dizem as assinaturas coletivas e como seus nomes próprios desses autores são construídos e significam em nome do grupo.

Já Maristela Pereira Fritzen, Ana Carolina de Souza Nazaro e Rafaela Sieves, todas professoras da Fundação Universidade Regional de Blumenau (FURB), Santa Catarina, no texto coletivo “Usos da língua alemã em duas localidades de Blumenau, SC: ‘É legal, eu gosto de falar com minha *Oma*’”, discutem dados parciais de uma pesquisa mais abrangente que teve seu foco no cenário sociolinguístico de localidades bi/multilíngues da cidade de Blumenau, SC. Duas escolas rurais desse município foram escolhidas para a geração dos dados, através de dois questionários, aplicados aos alunos do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental e suas respectivas famílias. Os resultados obtidos indicam que a língua alemã, como língua de imigração, ainda está presente nas interações sociais dos falantes, inferindo-se ainda que os sujeitos a relacionam aos traços culturais do grupo.

O foco de reflexão de Sérgio Ifa, da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) são as experiências de professores em formação no Estágio

Supervisionado em Língua Inglesa, Nível 1, mais especificamente, de um aluno-professor que as descreve em seu relatório final. O autor nos convida a entender o que significa ensinar e aprender uma língua estrangeira, no caso, inglês, na escola pública, chamando a atenção para a necessidade de valorizarmos as experiências relatadas pelo aluno estagiário para a construção de conhecimentos teórico-metodológicos sobre a prática docente na rede pública de ensino e os desafios constantes inerentes a esse espaço educacional.

O penúltimo texto deste volume, de autoria de Ivani Rodrigues Silva, da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), discute a educação atual de alunos surdos. A pesquisadora nos remete a alguns pontos ainda sensíveis para o fomento efetivo de um ensino bilíngue para este público específico, tais como, a (des)valorização da LIBRAS como língua natural, a necessidade de formação adequada do professor para atuar como mediador do processo de ensino/aprendizagem do português como segunda língua com esses alunos no espaço escolar e também a concepção e produção de materiais de ensino apropriados para esses estudantes.

No último artigo do volume, Denise Scheyerl, Kelly Barros e Diogo Oliveira do Espírito Santo, da Universidade Federal da Bahia, trazem uma proposta de produção e utilização de materiais didáticos interculturais e mais condizentes para o desenvolvimento da consciência crítica de professores e aprendizes de seis línguas estrangeiras ensinada no já citado NUPEL-UFBA. Assim, na visão dos autores, almeja-se também contribuir para uma melhor convivência entre usuários de materiais didáticos de língua(s) através da desconstrução de ideologias tradicionalmente orientadas para e por uma visão de educação linguística historicamente etnocêntrica.

Esperamos que este volume de Estudos Linguísticos e Literários contribua para ampliar a nossa sensibilização e conhecimento acerca da diversidade das práticas linguísticas e culturais que estão imbricadas nas temáticas de trabalho do GT. Continuamos na expectativa de minorar os conflitos apontados pelas pesquisas aqui apresentadas para que as diferenças que emergem em diálogos interculturais sejam aceitas, respeitadas e valorizadas.

Para finalizar, agradecemos, em nome do GT Transculturalidade, Linguagem e Educação, ao Editor desta revista e Vice-Coordenador do Programa de Pós Graduação em Língua e Cultura, Prof. Dr. Américo Venâncio Lopes Machado Filho e também ao Prof. Dr José Amarante Santos Sobrinho,

coeditor da ELL, por terem, generosamente, disponibilizado este espaço para que o nosso grupo tornasse pública parte de sua produção atual.

Salvador, outubro de 2014

Denise Scheyerl (UFBA)

Sávio Siqueira (UFBA)

Vanderlei J. Zacchi (UFS)